

■ DOSSIÊ - RESENHAS

■ Como brincam as crianças com autismo

 Roseane Paulo da Cunha *

Resumo: A presente resenha tem como objetivo apresentar o livro “Como brincam as crianças com autismo” (2019), escrito pelas professoras Maria Angélica da Silva e Daniele Nunes Henrique Silva. A intenção do livro é ampliar o diálogo com os pares da psicologia, pedagogia e com as demais pessoas que se encontram com estudantes com diagnóstico de autismo. As autoras nos apresentam seus estudos nos quais enfatizam que a ação do brincar de faz de conta é mobilizadora do desenvolvimento de processos simbólicos nos estudantes. Para melhor organização da resenha, na primeira parte foi apresentada a identificação do livro e das autoras e, posteriormente, dos capítulos, do primeiro ao sexto, e uma breve avaliação crítica à luz dos referenciais teóricos explicitados pelas autoras.

Palavras-chave: Brincar. Faz-de-conta. Autismo. Imaginação.

* Roseane Paulo da Cunha é graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília (1995), com especialização em Arte-educação em Artes Visuais pela Faculdade Dulcina de Moraes e mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal. Contato: roseane.p.cunha.hej@gmail.com

O livro *Como brincam as crianças com autismo*, produzido pelas professoras Maria Angélica da Silva e Daniele Nunes Henrique Silva e publicado pela editora Mercados das Letras, em dezembro de 2019 (Figura 1), apresenta o resultado da parceria intelectual entre as autoras. Na obra, o brincar de faz de conta dos estudantes com diagnóstico de autismo é apresentado, revelando a qualidade específica dessa forma de se inserir na realidade, numa visão que busca ampliar suas possibilidades de desenvolvimento.

As duas autoras são pedagogas com trajetórias profissionais em instituições diferentes; contudo, tiveram a oportunidade de trabalhar em conjunto na posição de orientanda e orientadora, durante o mestrado concluído pela primeira autora, em 2017, no Instituto de Psicologia da UnB.

Daniele Nunes Henrique Silva possui bacharelado e licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e por essa mesma instituição concluiu seu mestrado e doutorado, em 1998 e 2006, respectivamente. É professora associada do quadro permanente do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (UNB), onde atua na graduação e pós-graduação e trabalha no desenvolvimento das seguintes linhas de investigação a) diferença, cultura e alteridade: investigação de trajetórias não-hegemônicas de desenvolvimento; b) imaginação e processos criativos no desenvolvimento humano. Possui outros livros publicados, entre eles, estão: *Imaginação, criança e escola*; *Como brincam as crianças surdas*; *Educação, Ludicidade e Corporeidade*; *Educação Especial: memórias e narrativas docentes*.

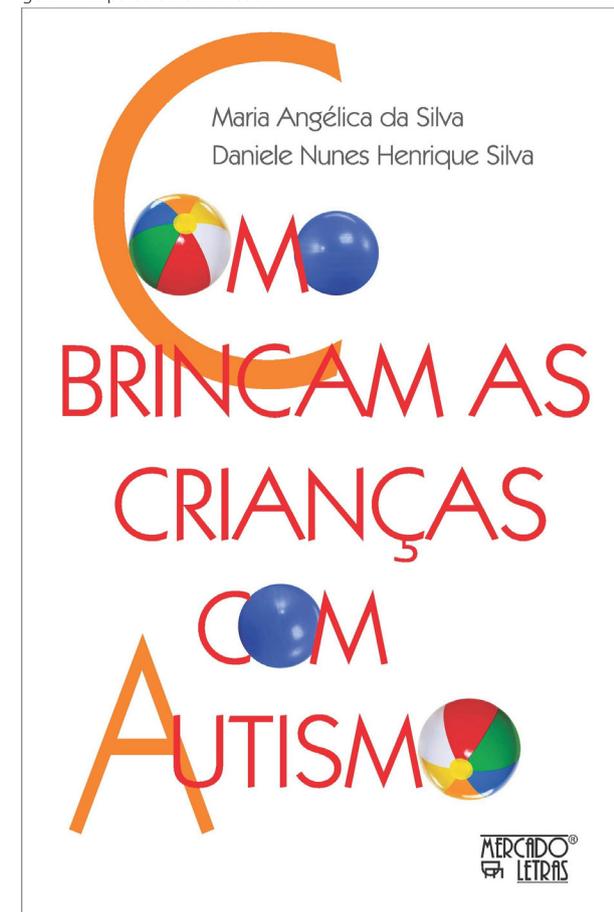
Maria Angélica da Silva é mestre pelo programa de pós-graduação em processos do desenvolvimento humano e saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Além disso, ela é Professora da Secretaria Estado e Educação do Distrito Federal, na qual atua em da Sala de Recursos. Gradou-se em 2000 pelo Centro Universitário de Brasília (UNICEUB) e em 2012 concluiu pós-graduação em Educação Especial pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente é membro do grupo de pesquisa psicologia e cultura no Instituto de Psicologia da UNB.

O livro, da capa às referências bibliográficas, totaliza 174 páginas. As autoras optaram pela organização em seis capítulos, assim intitulados: o que é autismo?; a abordagem Histórico-Cultural e o autismo; o desenvolvimento infantil, a brincadeira de faz de conta e a criança com autismo; caminho metodológicos: uma síntese; a brincadeira de faz de conta e os modos de utilização dos brinquedos; o jogo de papéis nas brincadeiras de faz de conta da criança com autismo e considerações finais.

O livro traz uma grata surpresa logo em seu prefácio, que é escrito pela professora Silvia Ester Orrú, que desvela um olhar radical, militante e generoso para o estudo sobre a aprendizagem dos estudantes com diagnóstico de autismo.

O primeiro capítulo inicia com uma discussão sobre o que é o autismo. O capítulo apresenta diálogo inicial a respeito da etimologia da palavra e avança procurando situar o leitor sobre o histórico que culminou na definição dos critérios médicos contemporâneos para classificar tal modo singular de existência, o transtorno do espectro autista (TEA). As autoras mapeiam como o diagnóstico de autismo se afastou das demandas psiquiátricas como a esquizofrenia e psicose infantil. Para isso, fazem referência a autores como Leo Kanner (1894-1981), Lorna

Figura 1. Capa da obra analisada



Fonte: Internet.

Wing (1928-2014) e Judith Gould, que, fundamentados em casos clínicos, deram suporte aos estudos sobre autismo que estão na base dos pressupostos teóricos do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) III, IV e V.

Ainda no primeiro capítulo, as autoras, apresentam uma série de estudos que versam sobre propostas de atendimento terapêutico às crianças com autismo. Elas nos oferecerem, também, um olhar múltiplo dessas diversas abordagens do campo da psicologia. Assim, as perspectivas teóricas, como a Psicanalítica, a Comportamental e a Cognitivista são apresentadas a partir dos estudos dos seus teóricos pioneiros e contemporâneos, e do panorama das suas abordagens terapêuticas específicas.

No segundo capítulo, as autoras propõem um giro de compreensão sobre a condição de ser criança – com ou sem deficiência – situando-as na história e na cultura. Para isso, as autoras se filiam à perspectiva teórica Histórico-cultural, que tem como expoente mais conhecido no Brasil, o autor L. S. Vigotski. A abordagem teórica desse autor é então apresentada em sua dimensão dialógica, para que se possa compreender o funcionamento do psiquismo humano como resultado da unidade entre natureza (biológico) e cultura (social). Nesse contexto, o texto promove uma discussão na qual a deficiência como fator limitante é secundarizada, fazendo emergir a compreensão da necessidade do estabelecimento de dinâmicas relacionais para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Nesse

sentido, as autoras promovem um ponto de vista inovador ao apresentarem a brincadeira como possibilidade para a criação de dinâmicas relacionais com as crianças com o diagnóstico de autismo, visto que, no senso comum crianças com essa singularidade não brincam, ou fazem de forma precária.

As autoras, no terceiro capítulo, apresentam-nos alguns autores e suas pesquisas sobre o brincar das crianças com o diagnóstico de autismo, buscando evidenciar como a brincadeira é um fenômeno universal, e que o “não brincar” está associado à falta de experiências significativas dessa ação. Assim, a brincadeira se expressa como a materialidade da produção da imaginação, que colocada como principal via do desenvolvimento na idade pré-escolar, ancora a experiência material. A imaginação, valendo-se da imitação no primeiro momento da vida infantil, assume na história do indivíduo a possibilidade da emergência do novo, ou seja, a imaginação alicerça a possibilidade da criação. Por meio da brincadeira, o universo cognitivo das crianças amplia-se e cria-se a possibilidade do agir intencional.

O quarto capítulo aborda o percurso metodológico da pesquisa de campo, uma vez que livro é o resultado de um trabalho acadêmico. As autoras especificam o período, o local, a forma de registro das observações, os protagonistas, seus percursos interativos e os instrumentos usados para mediação. O panorama dado nesse capítulo é o preâmbulo para as discussões teóricas que foram explicitadas nos capítulos cinco e seis.

No capítulo cinco, como o título já sugere, é realizada uma síntese conteudista para indicar que há formas diversas do uso dos brinquedos. O capítulo foi dividido em quatro subgrupos intitulados A, B, C e D e que expõem uma escala hierárquica para o manejo dos brinquedos, assim categorizadas:

- Grupo A; - trata-se da brincadeira vinculada à característica funcional do brinquedo, onde a criança reproduz o uso aprendido por suas experiências culturais, através da imitação, na vivência com seus pares que sabem mais.
- Grupo B; – a inserção do outro na brincadeira assume a centralidade da discussão, reforçando o referencial teórico das autoras, em que as funções psíquicas superiores são construídas nas e das relações sociais mediadas;
- Grupo C; – emergem, na ação do brincar, elementos que denotam pensamento mais elaborados, evidenciando o uso de recursos linguísticos. As observações das autoras indicaram a expressão da criação de situações que não estão no real imediato;

- Grupo D; – no cenário apresentado com esse grupo de brincadeiras, as autoras indicam que os estudantes foram capazes de expressar elaborações imaginativas que não estavam postas no real imediato. Evidenciaram que foi possível observar que estudantes com o diagnóstico de autismo também reelaboram, a partir de suas necessidades e qualidade de relação, novos significados às suas vivências.

O capítulo seis também foi organizado em grupos, sendo o Grupo A: assunção presumida de papéis no faz de conta, e o Grupo B: a assunção de papéis da criança com autismo: a construção da cenografia e os recursos imagéticos.

No Grupo A, as autoras relataram as interações espontâneas dos estudantes com diagnóstico de autismo com seus pares em espaços de uso comum. Nos espaços da escola, onde ocorre a dinâmica das trocas nos jogos e brincadeiras, observa-se a necessidade do uso de estratégias, por parte desses estudantes, para atender às demandas produzidas pela realidade. A demanda por brincadeiras, posta pelo outro e que promove interesse nos estudantes com diagnóstico de autismo, os ajudam a produzir um movimento rumo ao universo simbólico, ou seja, o encontro com o outro pode gerar novas possibilidades de atuação.

No Grupo B, a pesquisadora organizou o trabalho, procurando inserir os estudantes no universo imaginativo a partir de oficinas com elementos cênicos, elementos que ajudam na materialização da produção de imagens. A ação do brincar dos estudantes é apresentada na complexidade de seu processo simbólico, no qual o papel do outro está associado à qualidade e intencionalidade de sua ação para criar, de forma intencional e planejada, a possibilidade do desenvolvimento da imaginação.

As autoras, à luz da teoria histórico-cultural, promovem um diálogo sobre o faz de conta e a emergência da imaginação, a ressaltar que a vivência lúdica ajuda a impulsionar a possibilidade de produção simbólica, revelando, assim, os processos sofisticados de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, mesmo em indivíduos com diagnóstico de autismo. O livro amplia o raio de ação do trabalho pedagógico com estudantes com esse perfil, promovendo o giro do olhar das características colocadas pelo diagnóstico generalista para as possibilidades de ação junto a pessoas singulares.

O caminho percorrido na realização da pesquisa, que serviu de base para a produção do livro analisado aqui, ajuda a compreender como se organiza o universo imaginativo do estudante com diagnóstico de autismo, para além das características explicitadas na descrição desse diagnóstico. ■

Referências

SILVA, Maria Angélica; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Como brincam as crianças com autismo**. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2019. v. 1. 173p.